

JAN HRICSINA

A EVOLUÇÃO DO TEMPO FUTURO EM PORTUGUÊS É CÍCLICA?

O objectivo deste artigo é analisar a evolução das formas verbais que exprimem as acções posteriores ao momento da fala, ou seja, o futuro, através da história da língua portuguesa.

Proponha-se dividir a história da língua portuguesa em cinco fases: o indo-europeu (língua de origem de todas as línguas indo-europeias), o latim clássico, o latim vulgar (língua de origem de todas as línguas românicas), o português antigo e o português moderno.

Veremos quais são as formas do futuro em várias fases da língua portuguesa, qual é a sua posição nos respectivos sistemas verbais e a sua estabilidade; eventualmente tentar responder à questão sobre quais são os motivos do seu desaparecimento e substituição.

1. Futuro em indo-europeu

Começamos com a análise da situação em indo-europeu que representa a língua de origem “provável” do português.

A gramática do próprio indo-europeu não é muito conhecida. Não existem nenhuns vestígios dele e só se supõe a sua existência como língua de origem comum de todas as línguas indo-europeias. Reconstruir o indo-europeu é uma tarefa extremamente difícil e só é possível através do método comparativo.

Acerca do futuro, comparando as línguas modernas do ramo indo-europeu, ficamos a saber que as línguas com as formas sintéticas do futuro são as seguintes: iraniano, grego, latim, céltico e línguas bálticas. O que logo salta à vista é o facto de todas as formas que exprimem o futuro nestas línguas, não serem originárias. É a emergência de formas que substituem outras (Erhart, 1982: 183–184).

Nas *línguas bálticas* o futuro é formado através dos sufixos em *-s* (*-si*, *-sin*) cuja origem deveríamos buscar provavelmente no s-aoristo indo-europeu.

Em *grego, céltico e latim arcaico* o futuro formava-se também pelo sufixo em *-s*, por exemplo, no latim arcaico – *dixo*, *faxo*. A hipótese mais provável segun-

do Erhart é que estas formas são conjuntivos provindos dos temas do s-aoristo (Erhart, 1982: 184).

Em *iraniano* encontramos o sufixo em-*sya*. Também aqui podemos constatar uma certa correspondência com o s-aoristo e ainda com o desiderativo iraniano (o sufixo- *sa* – reduplicação da raiz).

Conclusão

Supomos que em indo-europeu havia algumas formas do futuro que devem ter-se tornado impopulares, deixaram de usar-se, desapareceram e foram substituídas por certas formas provindas de outras, muito provavelmente do s-aoristo.

2. Futuro no latim clássico

Agora passamos à análise do latim clássico. Este conhecia dois tipos de formas do futuro: a primeira e a segunda conjugação formavam o futuro pelo sufixo em *-b* (ex. *laudabo, monebo* etc.); a terceira e a quarta conjugação através do sufixo em *-e, -a* (ex. *legam, leges; audiam, audies* etc.). No primeiro caso trata-se provavelmente de inovação analógica. O futuro seguia o modelo do par – *eram:ero* (imperfeito:futuro do verbo *esse*) e apareceram novas formas – *laudabam:laudabo*. Assim foi explicado por Erhart (1982: 184). O linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr. afirma o facto de as formas com o sufixo *-bo* terem provindo do sufixo itálico *-fo* com o significado “tornar-se” (Mattoso Câmara Jr., 1956: 29).

No segundo caso trata-se aparentemente de formas do conjuntivo latino. Não é sem interesse constatar que o uso das formas do conjuntivo na função do futuro representa um traço típico dalgumas línguas indo-europeias – por exemplo do arménio.

Na nossa opinião, a origem desta substituição deve ser procurada na semântica do futuro, isto é, o valor modal do futuro encontra-se entre o real e não-real. A realização de cada acção futura é de facto incerta, potencial. Assim, talvez se pudesse explicar o conjuntivo com o valor do futuro em latim.

Conclusão

Para concluir podemos constatar que também no latim clássico não existiam as formas “próprias” do futuro, mas só as formas de substituição. Logo desapareceram e foram novamente substituídas por outras.

3. Futuro no latim vulgar

Como se sabe o latim vulgar não é continuação do latim clássico, ou seja, não é delimitável no eixo temporal, mas no eixo vertical. De facto, o latim clássi-

co estava sobreposto ao latim vulgar que representava o latim falado pelo povo e como cada língua viva evoluía. Por isso, estamos hoje com tantas dificuldades em conhecê-lo e estudá-lo devido à falta de documentos escritos.

Não sabemos exactamente se o futuro sintético latino se usava muito ou não – mas parece não ter sido muito popular na língua falada. O já mencionado linguista brasileiro Mattoso Câmara Jr. afirma que para exprimir as acções posteriores ao momento da fala usava-se quase exclusivamente a forma do presente – *laudo* (Mattoso Câmara Jr., 1975: 131).

O facto é que as formas sintéticas do futuro iam sendo substituídas por outras formas aparentemente mais expressivas.

As formas de substituição são as seguintes: 1. o participio do futuro activo – forma em *-urus* ligado com o presente do indicativo do verbo *esse* (originariamente exprimia esta construção o futuro subjectivo, depois o futuro); 2. vários verbos como por exemplo – *possum, incipio, valo, debeo, habeo* + infinitivo.

No início, estes verbos mantinham o seu pleno valor semântico, quer dizer, estas construções exprimiam a vontade, a possibilidade, a obrigação, a intenção de fazer alg. c. ou simplesmente o início duma acção. Depois, os valores destes verbos nestas construções iam-se perdendo para acabarem por desaparecer por completo e os verbos tornaram-se auxiliares.

Nas línguas românicas ocidentais, isto é – português, espanhol, francês, galego, catalão, italiano (só dialectos do Norte) propagou-se a construção com o auxiliar *habere*.

No início, esta construção era analítica, ou seja, composta de duas palavras. Depois, sintetizou-se. Já por volta do décimo século estão atestadas as formas já sintetizadas (Glosas emilianenses) – *falar – hei > falarei* (Zavadil, 2004: 228).

Agora respondemos à questão quais são os motivos prováveis desta mudança. Podemos dividi-los em duas categorias: formais e semânticas (ou funcionais). Começemos pelas formais.

São sobretudo motivos de natureza fonética.

A evolução fonética levou à homofonia dalgumas formas deste futuro com outras formas – por exemplo – betacismo (confusão entre *b* e *v*) causou a homofonia das formas do futuro com o perfeito na primeira e segunda conjugação na terceira pessoa do sg. e na primeira pessoa do pl. Ex. *amabit = amavit, amabimos = amavimos*.

Também a evolução das vogais acelerou o desaparecimento do futuro. Nas terceira e quarta conjugações – a evolução vocálica levou à confusão das formas do futuro e indicativo do presente – ex. *leges = legis > leges, leget = legit > leget*. *I* breve tornou-se *e* fechado.

Além deste facto já no latim clássico existia a homofonia da primeira pessoa do sg. com o conjuntivo do presente – ex. *legam = legam*.

Agora passemos aos motivos de natureza semântica.

Devido à natureza semântica do futuro, da qual já falámos, que é entre o real e não-real, potencial, já no latim clássico o futuro era capaz de exprimir acções subjectivas, ou seja, prováveis no presente. O sentido da frase latina – *Erit Pau-*

lus. poderia ter também o sentido de - *é provavelmente o Paulo* ou *será o Paulo* (exemplo de Novotný 1955)

Outro motivo pode ser representado pela tendência dirigida à expressividade da fala: o futuro foi substituído por formas mais expressivas, como já vimos.

Conclusão

Na fase do latim vulgar as formas latinas do futuro que tinham sempre uma posição fraca no sistema verbal, foram substituídas por novas, mais expressivas.

4. Futuro no português antigo

Pelo português antigo entendemos a língua falada no território de Portugal desde os meados do século XII onde começam a aparecer os primeiros documentos escritos directamente em português (1175 – aparição do primeiro documento escrito em português – Notícia de fiadores) e até aos meados do século XVI (1572 – data de edição de *Os Lusíadas* – data simbólica que abre o caminho ao português clássico; cf. Castro, 2004: 83–88).

A questão principal é, mais uma vez, a de saber quais eram as formas susceptíveis de exprimir as acções posteriores ao momento da fala no português antigo? Havia duas: 1. o português antigo herdou do latim vulgar a forma já sintética – *falarei*. É preciso dizer que no português antigo esta forma se usava tanto na escrita quanto na oralidade.

Exemplificação

- E assy fará este ladrom: fará filhos, e fará-os ladrões assy como ssey. (FP, 108)
- Pero morrerás, e sserey sseguro de ty. (FP, 120)
- Creio que per a auga do sancto baptismo serey sanctificada e asy fugirey e serey livre e quite do poderiio do diaboo per o qual fuy muyto e~ganada. (VS, 24)
- [...] mas das manhas e condições e estados de cada hu~u diremos adiante muito brevemente, onde conveer fallar de seus feitos. (Dom Pedro, 91)

2. A segunda forma era hei-de falar.

Exemplificação

- E posto que ja fique escripto no outro livro omde fallamos de como primeiramente fora filhada, aynda que aquy neste vallume achem allgu~as cousas desvairadas ou mymgoadas da coronica gerall, he por não ser desta callydade e a elle há-de ser primçipallmente emdemçada. (Zurara, 185)
- E aves aquy de saber que o comde dom Pedro de Meneses servio ell trey nesta çidade muy grandemente, despemdendo muyto de sua fazenda, e achey que llevara sete navios com muitas viandas, trabalhamdo-se muito de aver home~s nobres que ho ajudassem a servir. (Zurara, 185)

- Ora nos cumpre cuidar sobre o numero da gente que lhe avemos de deixar. (Zurara, 200)
- — E mais,— disse elle — porque he certo que, se as fustas ouverem de provar de tomar terra, nõ há-de ser senõ na Allmyna. (Zurara, 457)
- Ell rrey, meu senhor, he jaa avisado per Gomçallo Estevez e pelo allcaide de Taryfa, meu primo, e se nos socorro for neçessario sey que nos não pode muito tardar, e que neçessario nõ seja todavya sey que há-de vir. (Zurara, 462)

E aqui nos encontramos perante uma situação extremamente interessante: de facto, temos duas formas de expressão do futuro quase idênticas, ambas formadas pelo verbo auxiliar *haver* que está no primeiro caso posposto ao infinitivo e ligado com ele e no segundo, anteposto ao infinitivo e regido pela preposição *de*.

A segunda forma contém o sema modal de obrigação e promessa, como no português moderno (Cf. Silveira Bueno 1955:173). Este valor semântico está provado também pelo facto de muitos copistas corrigirem esta forma noutros manuscritos do mesmo texto pela construção com o verbo *dever*.

Exemplificação

- He verdade, diz aqy o autor desta storia, que, posto que a natureza humana naturalmente seja temerosa, os pensamentos daquestes em allgu~a parte nom heram vaãos, caa elles ficavõ em aquella çidade que hera naquelle tempo casy a frol daquella terra d' Africa, cuja perda, de rrezão, avia de ser (a correcção dum copista - devia ser) dos mouros muito semtyda

Qual é a origem desta situação surpreendente?

Joseph Huber, linguista austríaco, na sua Gramática do Português Antigo, diz que existiam duas possibilidades de colocação do verbo *haver* quer antes do infinitivo quer depois dele e que a ligação destes dois elementos era frouxa. Este facto está provado pela mesóclise (Huber, 1986: 230).

Esta argumentação não nos parece muito convincente. Primeiro não temos encontrado nos textos do português antigo estas formas sem preposição *de*, quer dizer, *hei falar* que de facto deveria ter precedido à fase com a preposição – *hei-de falar* e segundo, não é possível, na nossa opinião, ter sido uma mera alternativa formal do futuro *falarei*, porque tinha e tem até hoje outro conteúdo semântico (obrigação e promessa).

Em nossa opinião, trata-se antes duma inovação espontânea do português antigo. Então, teria sido uma forma de substituição possível do futuro sintético, se se tivesse perdido o seu sema de obrigação. Mas isso não aconteceu e a posição do futuro *falarei* tornou-se assim mais forte.

Conclusão

Apesar da situação curiosa que existia no português antigo com duas formas de expressão do futuro, ambas formadas pelo verbo *haver* (uma já quase sintetizada e outra não), pensamos que a diferença semântica entre as duas construções era bem nítida e não é possível falarmos de concorrência entre elas.

5. Futuro no português moderno

Analisando o português moderno, vamos tentar responder à mesma pergunta – quais são as formas de expressão do futuro? Há mais do que no português antigo. São as seguintes:

- falarei
- vou falar
- hei-de falar
- falo

A primeira forma *falarei*, ao contrário do português antigo, hoje vai perdendo o seu conteúdo temporal a favor das suas funções modais – isto é, esta forma exprime cada vez mais frequentemente as acções prováveis simultâneas ao momento da fala, a saber presentes. Neste caso, podemos então falar do modo *probabilitivo do presente*. Parece-nos esta função ser o seu papel central no português de hoje. Citemos a este propósito a Gramática da Língua Portuguesa (a mais moderna e mais complexa): “O Futuro Simples raramente expressa tempo posterior ao tempo da enunciação. De facto, é, tendencialmente, mais próximo de um modo do que de um tempo” (Mateus 2004:158; *cf.* também Oliveira 1985; Tláskal, 1978a: 206–207).

Exemplificação

- Não será uma história verdadeira, mas é, com certeza, uma história sem mentira. (Saramago, 122)
- Às vezes, lá em casa, ponho-me a pensar o que é que sentirá uma galinha? (Ferreira, 72)
- Bébé, que terá 19 ou 20 anos, negligentemente estirada num “maple”, folheia uma revista ilustrada e fuma; (Rebello, 170)
- Será isto amor ou ódio? (Miguéis, 137)

Como exemplo, podemos citar também a frase – *Alguém tocou à campainha. – Será o Paulo.* – A resposta é muito bem parafraseável por estoutra – *É provavelmente o Paulo.*

Coloca-se outra pergunta. Se esta forma vai desaparecendo da língua falada no seu uso temporal, qual a forma que a substituirá?

Em nossa opinião, é a forma *vou falar* cujo papel central no português de hoje é a *expressão do futuro* (ver Mateus 2004:158).

Exemplificação

- E dá-me a melhor notícia: vai voltar! (Revista-Expresso No. 1502, 57)
- Vai ver que, nas férias do ano que vem, não vai estar tão preocupado a ler anúncios sobre dinheiro. (*Expresso*, nº 1502, 5)

- Mas acontece que o único dinheiro que recebo é o que no fim do mês vou buscar lá abaixo, à tesouraria. (Saramago, 49)
- Amanhã vais-te arrepende das atitudes que andas a tomar. (Saramago, 102)

Em nossa opinião, a evolução desta forma deve ter sido a seguinte.

Na primeira fase, foi uma construção sintáctica – *vou fazer* – com o verbo *ir* no seu pleno significado semântico de *ir* (verbo de movimento).

Na segunda fase, o verbo *ir* perdeu o seu valor semântico. A ligação da construção com o presente foi mantida através deste verbo que se encontra no indicativo do presente. O conteúdo da construção terá sido o futuro próximo ou poderíamos designá-lo *pospresente*.

Na terceira fase da sua evolução, a construção usava-se cada vez mais frequentemente no valor do futuro, representando assim uma alternativa ao futuro sintético. Ia perdendo por conseguinte o seu sema temporal de proximidade (futuro próximo ou pospresente). Isso levou finalmente à neutralização da oposição temporal entre as formas *vou falar* e *falarei*.

Achamos que seria muito interessante observar a evolução desta forma – nos aspectos – quando apareceu e como evoluiu o seu conteúdo temporal. Interessante é também o facto de que Paiva Boléo não a menciona como forma do futuro no seu artigo de 1935 (Paiva Boléo 1935).

A forma *hei-de falar* tem o mesmo conteúdo como no português antigo (o futuro com o sema modal de obrigação ou promessa) mas hoje não se usa muito (para mais informações ver Tláskal, 1978a: 207–208).

A última forma *falo*, evidentemente mais ligada ao tempo presente e ao modo real (na terminologia tradicional – ao indicativo). Então, esta exprime as acções cuja realização é mais certa do que a das demais formas. A noção do futuro é muitas vezes codesignada por outros elementos.

Trata-se sobretudo de vários advérbios de tempo que denotam o futuro (*amanhã, um dia destes*) ou também o contexto oracional.

Exemplificação

- Não vai perder pela demora, amanhã lhe dou os fósforos... (Saramago, 83)
- Quando o Director chegar, a tipografia quer ser informada. (Saramago, 88)
- Olha que essa história ainda um dia acaba mal... (Rebello, 20)
- Estás em casa às dez? (Rebello, 182)
- Então nós amanhã falamos e acertamos os pormenores. (Rebello, 261)

Decisivo pode ser também o contexto dialogal como no exemplo seguinte.

- À terça vai dar um filme interessante.
- Vou contigo.

Agora tentamos responder à questão sobre quais são os motivos da substituição da forma *falarei* por outras formas?

Podemos encontrar de novo na linguística portuguesa os *motivos formais*. Mais concretamente segundo Paiva Boléo, a forma do futuro é demasiadamente longa. Mas isso não nos parece muito convincente porque se fosse assim, a forma *falarei* tenderia a desaparecer. Mas não é bem assim. Esta forma não desaparece, só muda o seu conteúdo temporal e modal.

Podemos também ver na origem do declínio da forma *falarei* a mesóclise dos pronomes. Este argumento poderia ser ainda reforçado pela mesma tendência da forma *falaria* (condicional) (também com a mesóclise) que é muito frequentemente substituída pelo imperfeito do indicativo (*falava*).

A preferência da forma *falo* poderia ser explicada pela tendência à economia.

Um dos motivos semântico-funcionais é também uma tendência à expressividade. A forma *vou falar* é mais expressiva do que a *falarei*.

Conclusão

Neste artigo vimos, numa forma muito resumida, como a forma provável de expressão do futuro (que não conhecemos) em *indo-europeu* foi substituída pelas outras formas formadas principalmente do s-aoristo. No *latim clássico* as formas do futuro foram derivadas das outras – quer do conjuntivo quer formadas outra maneira. Estas formas do *latim clássico* desapareceram no latim vulgar para serem substituídas pelas outras construções modais (infinitivo + vários verbos). No português antigo a construção analítica formada pelo infinitivo + verbo *haver* sintetizou-se e perdeu o seu sema modal para poder afirmar-se como a forma de expressão do futuro. Não demorou muito tempo para que no português moderno esta forma (*falarei*) readquirisse o novo sema modal (probabilitivo) e se visse em fase de substituição por outra construção, desta vez, *ir* + infinitivo que perdeu o seu valor temporal de proximidade e funciona como o futuro no português de hoje.

Supomos que depois de termos analisado a evolução das formas de expressão do futuro em várias fases da história da língua portuguesa, podemos constatar que esta evolução se apresenta realmente cíclica.

Afinal, só bastará esperarmos até que a forma *vou falar* adquira um sema modal ou temporal e apareça uma nova forma de expressão do futuro.

Irá acontecer isso ?

Bibliografia

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- BOURCIEZ, Édouard. *Éléments de linguistique romane*. Paris: Klincksieck, 1956.
- CASTRO, Ivo. *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.
- CASTRO, Ivo. *Introdução à História do Português*. Lisboa: Edições Colibri, 2004.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Breve gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa, 1997.
- ERHART, Adolf. *Indoevropské jazyky*. Praha. Academia, 1982.

- GRANDGENT, Charles H. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Centro de Estudios Históricos, 1928.
- HAMPL, Zdeněk. *Stručná mluvnice portugalštiny*. Praha: Academia, 1972.
- HUBER, Joseph. *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- MACÁRIO LOPES, Ana Cristina. Para uma análise semântica dos tempos do presente em português. *Cadernos de semântica*, 1995, nº 21.
- MATEUS, Maria Helena Mira, et alii. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2004.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas*. Maia: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.
- MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *Uma forma verbal portuguesa, estudo estilístico-gramatical*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.
- MAURER JR., Theodoro Henrique. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- NOVOTNÝ, František. *Historická mluvnice latinského jazyka II*. Praha: Nakladatelství Československé akademie věd, 1955.
- OLIVEIRA, Fátima. O futuro em português, alguns aspectos temporais e/ou modais. In *Actas do 1º encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 1985, p. 353–373.
- OLIVEIRA, Fátima. Modais e condicionais. In *Actas do 5º encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: FLUL, 1989, p. 145–161.
- OLIVEIRA, Fátima. Algumas questões sobre tempo e aspecto. *Cadernos de semântica*, 1992, nº 9.
- PAIVA BOLÉO, Manuel de. Tempos e modos em português, contribuição para o estudo da sintaxe e da estilística do verbo. *Boletim de filologia*, 1935, nº3, p. 15–36.
- PERES, João Andrade. Towards an integrated view of the expression of time in portuguese. *Cadernos de semântica*, 1993, nº 14.
- SAID ALI, Manuel. *Formação de palavras e sintaxe do português histórico*. São Paulo: Companhia melhoramentos, 1923.
- SILVEIRA BUENO, Francisco da. *A Formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.
- STEN, Holger. *L'Emploi des temps en portugais moderne*. København: Munksgaard, 1973.
- ŠABRŠULA, Jan, et alii. *Úvod do srovnávacího studia románských jazyků I-II*. Praha: SPN, 1980.
- ŠABRŠULA, Jan. *Úvod do srovnávacího studia románských jazyků*. Ostrava: Ostravská univerzita, 1994.
- TAGLIAVINI, Carlo. *Le Origini delle lingue neolatine*. Bologna: Casa editrice prof. Riccardo Patron, 1969.
- TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 2001.
- TLÁSKAL, Jaromír. Remarques sur le futur en portugais contemporain. *Philologica pragensia*, 1978a, 21(4), p. 204–213.
- TLÁSKAL, Jaromír. Análise funcional do indicativo presente em português. *Ibero-americana pragensia*, 1978b, XII, p. 53–68.
- TLÁSKAL, Jaromír. Observações sobre tempos e modos em português. In *Estudos de linguística portuguesa*. Coimbra: Coleção linguística, 1984, p. 237–255.
- VÄÄNÄNEN, Veikko. *Introduction au latin vulgaire*. Paris: Klincksieck, 1981.
- WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do Latim ao Português*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1986.
- ZAVADIL, Bohumil. *Vývoj španělského jazyka I*. Praha: Karolinum, 1998.
- ZAVADIL, Bohumil. *Vývoj španělského jazyka II*. Praha: Karolinum, 2004.

Bibliografia usada na exemplificação

- ANÓNIMO. *Fabulário português*. Ed. José LEITE DE VASCONCELOS. Lisboa, 1906.
- ANÓNIMO. *Vidas de Santos de um manuscrito alcobacense*. Ed. Ivo CASTRO. Lisboa: Centro de estudos geográficos, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1985.
- FERREIRA, Vergílio. *Aparição*. Lisboa: Bertrand Editora, 1999.
- LOPES, Fernão. *Crónica de Dom Pedro*. Ed. Giuliano MACCHI. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1966.
- LOPES, Fernão. *Crónica de Dom Fernando*. Ed. Giuliano MACCHI. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004.
- MIGUÉIS, José Rodrigues. *Gente da terceira classe*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984.
- REBELLO, Luiz Francisco. *Teatro*. Lisboa: Círculo do livro, 1959.
- Revista-Expresso*, n° 1502.
- SARAMAGO, José. *A noite*. Lisboa: Caminho, 1979.
- ZURARA, Gomes Eanes de. *Crónica do Conde Dom Pedro de Meneses*. Ed. Maria Teresa BROCARD. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

Abstract and key words

The article deals with the future tense as manifested in the evolution of the Portuguese language. It examines grammatical forms that served to express the future actions in different phases of Portuguese language (Indo-European, Classic Latin, Vulgar Latin, Old and Modern Portuguese). The conclusion is drawn that there exists a certain permanent dynamism in the subsystem of the future tense in Portuguese and that future tense evidences a cyclic evolution.

Portuguese linguistics, Portuguese language history, future tense